

UM PRESIDENTE SURDO.



Dom Marcos, é padre: todos o sabem: é presidente, também não é novidade; mas o que a maior parte da gente ignora é que se declarou coacto d'um ouvido, ou, para nos explicarmos melhor, surdo.

S. Reverendíssima tem um par d'orelhas como qualquer ecclesiástico, e dentro destas uns sói disant (ouvidos). Em S. Bento ha Cabraes e anti-Cabraes; — o presidente adoptou a classificação, e sabe-se com o ouvido direito Cabralista, e com o esquerdo anti-Cabralista! — Do primeiro ouve como um pthísico, do segundo como um mercador; o primeiro está sempre esfuracado, attento; o segundo rombo, hermeticamente fechado.

O Padre Marcos está surdo do ouvido da opposição! E honra lhe seja feita, porque na epocha actual é um titulo glorioso, pois vivemos n'um systema que deixa bradar a bom bradar no deserto, e que não ouve nunca a opinião publica!

A todos os achaques de S. Bento acresce mais este — o da surdez do respectavel decano. Nada falta para a frase do Evangelho estar completa: cegos e mudos sabia-se que eram os dignos canteiros, e mais surdos só agora.

E já que nos dirigimos a um pregador, armazem ambulante de citações Biblicas, lembremos-lhe que Christo tinha mais apurado o ouvido com que attendia os infieis, e S. Reverendíssima é o contrario. . . *proh pudor!*

Ora, o ser surdo é uma vantagem inapreciavel para a nossa *loja S. Bento*. Quem ouve pôde ser atrahido pela eloquencia d'um José Maria Pereira Forjaz, d'um *Recta* ou mesmo d'um *Curza*; porém quem não ouve é como quem não vê, logo a surdez é uma garantia d'imparcialidade e independencia. Declarámos por tanto o Padre Marcos surdo, imparcial, e independente.

E demais para que serve ouvir o que se diz n'aquelle *santo* lugar? Não é excessiva vantagem achar-se completamente alheio aos berros insolentes, ás interrupções grosseiras do José dos Conegos? Meu Deus! fazei-nos a todos surdos, queremos mais esta sublime qualidade governamental!

Se a opposição tem desejos de pedir a palavra, lembramos a mimica, essa linguagem que nos extasia em S. Carlos, e que pôde vir a fazer as delicias d'um espectáculo até agora insípido, porém daqui por diante mais variado se ao gesto se acrescentarem baillados e grupos coreographicos.

Outra idéa. A patria demanda sacrificios, pois bem, cotejemo-nos e façamos a offerta de uma trompa de S. Eustachio para o ouvido esquerdo do padre Marcos. O forte de S. Reverendíssima é o *espírito* — pelo que não nos levará a mal esta lembrança *espirituosas*.

Em conclusão, não ha motivo para nos maravilhar da molestia do padre Marcos. É um enfermo de mais em S. Bento.

CAMARA DOS DEPUTADOS.

SESSÃO DO DIA 18 DE JANEIRO DE 1848.

O sr. Aesis disse, que tirando da Provincia do Algarve tres ou quatro familias que figuravam em todas as revoluções, era esta Provincia a mais tranquilla do reino, e que era só contra essas familias que se devia proceder em occasião de revolta, por que tudo o mais ficaria tranquillo.

N. B.: 23880 réis diarios para denunciar tres familias do Algarve é demasiadamente caro; esse serviço é feito pela Terra Saptia muito mais em conta.

SESSÃO DO DIA 20 DO CORRENTE

Discurso do sr. Corrêa Leal.

O sr. CORREA LEAL disse, que não começava o seu discurso por exordio, porque talvez a camara estivesse já saturada.

N. B. — Damos a nossa palavra de Cavalheiros; que o sr. Leal, se serviu da palavra = saturada = "Que o assumpto era grave, mas que elle não o tinha crecido.

Estamos convencidos que s. s.ª não creou o assumpto, apezar de ser o creador do *Recta Pronuncia*.

Disse, que bem conhecia, qual era o cabedal do seu saber, e se lhe faltasse a cabeça tinha coração, pois quando este lhe dizia que fallasse, elle fallava, pois estava persuadido, que tinha razão.

S. S.ª fez uma grande descoberta de que a sciencia se deve seriamente occupar; a de poderem fallar homens sem cabeça, bastando-lhe para isso o coração; a cabeça deve pois ser banida como inutil.

Fiquemos pois certos, que quando a coração do sr. Leal o mandar fallar; s. s.ª = fallará = *Madame Chevallier qu'es ce que j'ai dans la main?*

Que se os bancos da opposição estavam vasio, ninguém obstava a que elle e os seus amigos os fossem occupar.

Esta idéa *recta* ainda não tinha lembrado a ninguém; a nosso vêr deve ser approvada. — Se os bancos da opposição estão vasio, podem formar-se piquetes de deputados que não tenham cabeça, mas sim coração, para que passem a occupar os taes bancos vasio; vencendo n'esse dia além do ordenado, etape e vinte réis para cigarros.

Na sessão de 21 do corrente o sr. Pereira dos Reis, que em 1846 teve a cabeça a prego, disse que não receava ser caricaturado etc.

É uma maneira politica e delicada de pedir as horas da lithographia; e bem sentimos nós não podermos de prompto annuir ao nobre desejo do illustre deputado, que teve a cabeça a prego, por termos de aviar outros seus collegas que haviam encommendado obra antes de s. s.ª; no entanto de bom grado nos prestamos ao serviço, que de nós com tanta delicadeza exige s. s.



A RAINHA DE CHIFRE

Melo-melaço, em quatro cousas. Musica do clarinete João Pacini; Scenas decerpitadas pintadas pelo Rambois e Cinati, fumo de José Osti; Artilheria do Barão da Folgosa, e sinos da Conceição Velha.

ACTO I.

SCENA I.

Galeria no quintal de André Cornaro (que o publico não vê). No fundo, vão de escada, conduzindo á capoeira de Catharina.

Coro. — Alfim, está um sol de rachar.

André. — Estou melhor da minha gota, porém o figado está affectado, vou mandar chamar o Lima Leitão.

SCENA II.

O dito e MOCENIGO.

André. — Por este tratante não esperava eu agora!

Mocenigo. — Apanhei-te, cavaquinho! . . .

SCENA III.

Entra Catharina seguida de uma sucia de criadas e amas de leite.

Coro Nupcial. — Tu és a luz do pensamento.

SCENA IV.

Gerardo acompanhado de Cavalheiros Francezes, que são Portuguezes.

Gerardo. — Adorada fadista!

Catharina. — Não me falles n'isso, não estou para graças.

Ambos. — Vamos paíscar, vamos trotear, vamos laurear, vamos casar.

SCENA V.

Os dito e ANDRÉ.

André. — Qual casar nem meio casar!

Gerardo, Catharina e Coro. — Ora cebo!

Gerardo. — Isso é desaforo, é a tua palavra!

André. — Estou-me nuando! (Cantam todos a desgarrada e cabe o panno.)

ACTO II.

SCENA I.

Gabinete de Catharina com uma janella de fundo dando sobre o canal de Veneza, e da qual se vê o boqueirão da Jama (daquelle cidade), e a fonte da pipa; Aluanda, etc.; as criadas estão azuadas e cantam o seguinte:

Coro. — Doloroso anhelito (este anhelito está no libreto) murchas rosas!

Catharina. — Estou como uma carocha!

Coro. — Adeos, menina até logo. (As creadas vão para a cosinha frigrir ovos; e Catharina ergue-se.)

Catharina. — Nem que me esfollem deixo o catita do Gerardo. (Ouve-se cantar o fado na lagôa.)

SCENA II.

Entra uma criada.

Catharina. — Que trazes tu ahi?

Criada. — Eu sei cá, trago uma carta e o Diario do Governo.

Catharina. — Não sejam mal criada (lé).

« Espero te na varanda, calça uns sapatos de « bezero, para podermos dar ás tranças. » Boa vai a chicharra.

SCENA III.

Apparece MOCENIGO de repente.

Catharina. — Maroto, põe-te no andar da rua.

Mocenigo. — Olha cá, rapariga, manda o Gerardo á fava, e dá-me um abraço.

Catharina. — Então põe-se na rua, ou não? Vamos, não se faça tolo.

Mocenigo. — Um criado de v. ex.ª (sahe).

SCENA V.

CATHARINA e GERARDO.

Gerardo. — Oh!!!

Catharina. — Ah!!!

Gerardo. — B!!!

Catharina. — Irra!! (Dá um suspiro e cabe tom um faniquito.)

ACTO III.

SCENA I.

A horta das tripas, varios coristas Venezianos bebendo agoa, fingindo vinho, fazendo grande berraria e jogando a taponas.

Mocenigo e os ditos. — Leva rumor rapazes.

N. B. Supprimimos tres scenas por serem muito importantes e de grande interesse e apparato.

SCENA V.

Praça de Nicosia, em tudo semelhante a Aldeia-Gallega da Merceanna, Catharina, que agora nos cumpre declarar ser a rainha de Chifre, apresenta-se com os camaristas municipaes, atraz faiantes da caixa de assucar, dando vivas á independencia nacional, com os batalhões da Carta de Veneza, e do Joãozinho, voluntarios do Algarve, Pares, Deputados, Culminante, Escudeiros, o *Recta Pronuncia*, o Lapa, o Caldeira, e o Ferrugento, senta-se tudo . . . nada, não se senta ninguém — mas o Rei e a Rainha sentam-se.

O Rei é o sr. Bruni.

(Por doença repentina do nosso tachigrapho não damos a dança.)

SCENA VII.

Apparece toda a bicharia, que é immensa.

Catharina. — Ah Gerardo!

Gerardo. — Sorte iniqua, estou com fome!

Mocenigo e Coro. — Forte goloão! . . .

Gerardo. — Sabem que mais vou cear.

Mocenigo. — Pois não ceas-te!

Catharina. — Este golofo enfeitou-me.

André. — (Cantando com voz sulfocada)

Ah! Qu'esta peça

Já não tem fim

Eu nunca vi

Comer assim,

Os esbirros do Caldeira apoderam-se de Gerardo, papam-lha a cãa, deixando a platea surpreendida e com appetite.

ACTO IV.
SCENA I.

Sala no palacio do Rei.

Catharina. — Meu marido está com a gripe, eu tenho um callo que me faz vêr as estrellas, e o pobre Gerardo deram-lhe o habito de Christo. — Má raios partam o Mocenigo.

SCENA II.

A dita e MOCENIGÓ.

Mocenigo. — Estimo que tenha passado bem. V. Ex.^a é servida de uma pitada?

Catharina. — Não gasto.

Mocenigo. — Olhe que é do contracto. (Catharina espilha.)

O Ponto. — Senão acabam; vou-me embora, que isto já é maçada.

Catharina. — Oh da Guarda! tirem-me daqui este vadio. (Aparecem alguns Municipaes e levam o Mocenigo para o Carmo.)

SCENA III.

GERARDO e CATHARINA.

Gerardo. — Tu!

Catharina. — Tu!

Gerardo. — (Ouve-se estrondo) Que diabo é isto?

Catharina. — Dá cá o braço e vamos vêr que pandiga é esta.

SCENA IV.

Praça.

Coro de Deputados, Batalhão do Joãozinho e do Falcão, Pares do Reino, Voluntarios do

Algarve, Calica, Artilheiros do Folgosa, Cabos de Vigia, Camaristas municipaes, o Puel e outras pessoas de chifre gritando = Viva a independencia nacional.

Coro geral. — Vamos para o botequim das Pararas festejar o casamento dos dous patuscos, viva amor e chuva arroz.

Catharina. — Sono contenti; nel tercio acto é morto il signori Bruni, mio consorte, estou viuva, e por isso previno o respeitavel publico, que vou casar com o Doutor Gerardo, e tenho a honra de lhe apresentar meu filho da idade de cinco annos, baptisado na freguezia das Mercês.

CAHE O PANNÓ.

O Recta Pronuncia desmaia por desesperação, de o não terem convidado para a cãa, o Ferrugento exclama: "Tem mão em mim, Sá Vargas, senão mató estes patifes." Um Deputado de Moçambique levantou-se sobre um banco, gritando: "Accomodai-vos rapazes — Viva a independencia nacional." Innumeraveis apoiados. Os espectadores despejam o beco ao som da mesma independencia; o Recta Pronuncia, que já não se pôde lamber e conduzido a casa sobre um tabeção grande. Trezentos garotos acompanham o prestito com phospheros accesos. Nesta confusão um inglez perdeu um capote de borracha, e nós pedimos a quem o achasse o entregue em Chifre, e receberá de alviçaras um Makintoch. E' meia noite! Silencio profundo! Vamos para a cama.



TODA a pessoa que per-tender aprender empalmagões de cartas, de ovos, de lenços, de coelhos, e mais aves, dirija-se ao sr. **Recta-Pronuncia**, discipulo de mr. Chevalier. — Os srs. deputados recém-chegados destinados a partir pedra para a loja de S. Bento, ainda não compraram picaretas para comegarem os seus trabalhos. — Dizendo alguém que o Antonio de tomar estava nomeado para representante de Portugal junto á cõrte das Tuilleries; houve quem o negasse, pelo facto de se mandarem em França para as galés os ladrões conhecidos!

— O sr. Laborim com a abertura da camara apresentou chinó novo; s. ex.^a sempre coherente no seu trajar, como vestiu sobrecasaca cõr de pinhão, tambem quiz que a chorina tivesse a mesma cõr, e parece feita do resto do panno da sobrecasaca.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1848.



Lith Franca

DOMADOR DE CARNEIROS.